



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

PPPE credenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019**

**A CONCEPÇÃO HEIDEGGERIANA DE CIÊNCIA NATURAL E A IDENTIDADE
EPISTEMOLÓGICA DA PSICANÁLISE DE FREUD**

Tháhatta Aryelle Lopes Santos¹; Caroline Vasconcelos Ribeiro e Prof^a Kleyde Jomara Lessa Vilas Boas²

1. Bolsista PIBIC/PROBIC, Graduando em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

thabatt4@gmail.com

2. Orientadoras, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

carolinevasconcelos@hotmail.com e kleydejomara@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Heidegger, Freud, Ciência.

INTRODUÇÃO

Na obra *Seminários de Zollikon* Heidegger analisa ontologicamente as ciências que estudam a saúde e o adoecimento psíquico. A discussão ontológica empreendida pelo filósofo revelou que muitas ciências que versam sobre fenômenos psíquicos estão ancoradas em pressupostos metodológicos oriundos das ciências da natureza. Segundo os argumentos heideggerianos apresentados nas aulas em Zollikon, a psicanálise freudiana – ao tratar o psiquismo como uma máquina movida por uma força (pulsão) e buscar, via análise dos conteúdos inconscientes, a leis gerais que atuam na causalidade dos sintomas – inspira-se numa linguagem proveniente do modo de operar destas ciências. Este posicionamento do filósofo alemão não é algo comum entre comentadores da psicanálise, afinal, há leituras que a avaliam como uma não-ciência (Skinner), como uma pseudociência (Popper) ou até mesmo como uma hermenêutica (Ricoeur). Visto que existem distintas formas de entender a identidade epistemológica da psicanálise, examinamos os fundamentos que sustentam o enquadramento deste saber freudiano no rol das ciências da natureza, tal como defende Heidegger. Com esse resumo expandido objetivamos esclarecer os motivos que levam Heidegger a enquadrar uma ciência que lida com sintomas psíquicos, sonhos e outras formações inconscientes no rol daquelas que produzem um conhecimento de molde científico-natural. Visto que a posição heideggeriana em relação a Freud é tão categórica quanto polêmica, vamos explanar sobre o conceito heideggeriano de ciência natural e examinar os fundamentos da categorização da psicanálise freudiana como uma ciência da natureza. Com isso divulgaremos os resultados oriundos de nosso trabalho de iniciação científica intitulado “A concepção heideggeriana de ciência natural e a identidade epistemológica da psicanálise de Freud”, o qual conta com o apoio PROBIC-UEFS

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

O plano de trabalho ao qual está atrelado este resumo baseia-se em uma pesquisa bibliográfica, cuja tarefa consistiu numa rigorosa leitura de obras dos autores principais, a saber, Heidegger (1999, 2002, 2005, 2007a, 2007b e 2009) e Freud (1996a, 1996b, 1996c, 1996d, 2006, 2007 e 2010). Além disso, recorreremos a comentadores e epistemólogos da psicanálise freudiana, nomeadamente: Paul-Laurent Assoun (1983 e 2002), Zeljko Loparic (1999, 2001 e 2003), Leopoldo Fulgencio (2003, 2007 e 2008), Caroline Ribeiro (2008), Renato Mezan (2008) e Luiz Roberto Monzani (1989). Para uma maior apropriação dos conceitos heideggerianos nos servimos de obras de Marlene Zarader (1990) e Michael Zimmerman (1990). Para o entendimento da herança kantiana que Heidegger denuncia existir

na psicanálise de Freud, fomos à fonte primária através de duas obras de Kant (1990 e 1996). Para entendermos outras posições em relação à identidade epistemológica da psicanálise freudiana, recorreremos às obras de Monzani (1989), Popper (1994) e Silva e Paulino (2011). Para maior entendimento dos conceitos nos servimos dos dicionários de autoria de Inwood (2002) e Laplanche e Pontalis (2008).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Freud define sua psicanálise como uma ciência natural e enfatiza a influência do inconsciente e das forças pulsionais no comportamento humano, tendo como base o estudo de casos clínicos. Além disso, compara sua maneira de investigar o psiquismo com os processos de pesquisa de ciências mais duras como a física e a química. (FREUD, 2007) Em *Algumas lições elementares de psicanálise*, o próprio Freud reafirma sua afinidade com as ciências naturais, ao ponderar: “também a psicologia é uma ciência natural. O que mais pode ser?” (FREUD, 1996d, p.298). A parte teórica da psicanálise, a metapsicologia, é o grande alvo da crítica de Heidegger. Tal crítica denuncia a presença de linguagem objetivista e também especulativa que impediria de pensar o *Dasein* de forma genuína, visto que reduziria o homem a um aparelho psíquico movido por forças. O filósofo aponta a presença de princípios legados por Immanuel Kant no modo de formulação da teoria metapsicológica. A metapsicologia, enquanto superestrutura teórica da psicanálise, funciona como um “regulador” da teoria analítica e um modo de concepção a partir do qual qualquer processo psíquico é apreciado segundo três coordenadas: dinâmica, tópica e econômica. A teoria metapsicológica dedica-se ao estudo de fenômenos cuja explicação não pode ser pautada apenas experiência, por isso constrói conceitos especulativos como os de pulsão, aparelho psíquico e repressão. Tais conceitos funcionam como ficções heurísticas, ou seja, não possuem a pedra de toque da experiência, mas, por analogia aos fenômenos observáveis, são frutíferos na explicação. Essa parte especulativa da psicanálise – a metapsicologia – é, portanto, composta por conceitos que não possuem realidade empírica, mas que são valiosos para organizar e explicar dados empíricos. Segundo Fulgencio (2003), apesar de destituídos de valor empírico, tais conceitos possuem valor heurístico e aspiram a descoberta de leis que regem os fenômenos psíquicos. O uso de ficções desta natureza, de analogias e de construções auxiliares é entendido por Kant (1990) como algo que faz parte de princípios metafísicos da ciência da natureza e, portanto, não impugnaram a sua cientificidade. Heidegger entende que a psicanálise freudiana se configura como fiel executora do programa kantiano para a ciência que é regido pelo uso de analogias, ficções heurísticas e pelo princípio da casualidade. Com essa pesquisa notamos que a maneira como Freud pensa o psiquismo é em analogia com uma máquina e a maneira como afirma que o inconsciente é o responsável pelos atos psíquicos atende ao princípio de causalidade. Ao se servir dessa herança proveniente do que Heidegger nomeia de projeto kantiano para as ciências da natureza, notamos que o psicanalista não esforçou-se para romper com o modelo científico-natural de seu tempo, pelo contrário, buscou obstinadamente o reconhecimento da seguridade de sua ciência como uma ciência da natureza. De acordo com a perspectiva heideggeriana, nenhum elemento da metapsicologia freudiana coloca sobre suspeita a sua cientificidade – como apontam alguns comentadores da psicanálise – uma vez que esta foi construída utilizando-se dos mesmos recursos assegurados por Kant como recursos legítimos à ciência da natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Segundo a perspectiva heideggeriana, Freud, ao utilizar-se de ficções heurísticas para formar a superestrutura especulativa de sua ciência apoia-se no programa kantiano para as ciências da natureza, tratando o homem como algo passível de objetificação, o que resulta na obstrução do pensar que entende que o ser humano é um ente aberto ao ser (*Dasein*) e não uma máquina psíquica. Para Heidegger, a ciência natural não é apenas aquele tipo de ciência que lida empiricamente com metrificações e mensurações, mas uma ciência que, antes de

tudo, conta com a possibilidade de destinar uma explicabilidade objetiva ao alvo de seu estudo, ancorada no princípio de causalidade e na determinação de leis gerais. Por isso, o filósofo alemão entende que a psicanálise de Freud – a pesar de tratar de sonhos, desejos e atos falhos – é uma ciência natural, uma vez que destina aos fenômenos psíquicos uma pretensão de objetividade destinável a fenômenos da natureza. Freud explicaria os fenômenos psíquicos e humanos, como um físico explica fenômenos não-humanos. Por isso, Assoun (1983, p.50) afirma que na epistemologia freudiana não há lugar para um dualismo entre explicar e compreender, ou seja, entre as *Geisteswissenschaften* e as *Naturwissenschaften*. E “é por este motivo que, nos escritos de Freud, a alternativa é tão clara: se a psicanálise é uma ciência digna de nome, então ela é *Naturwissenschaft*.” (ASSOUN, 1983, P.50). Constatamos com essa pesquisa que Freud não conhecia outro modo de fazer ciência se não o natural, ignorando a diferença entre os métodos das ciências. Sua tentativa de tornar o psiquismo explicável apoiado em na ideia de um aparelho psíquico movido por forças pulsionais apostou em uma atuação objetificante diante do ser humano, por isso foi alvo das críticas heideggerianas. Concluímos, ainda, que epistemólogos da psicanálise como Assoun, Mezan, Loparic e Fulgencio também apontam a presença de uma herança científico-natural no saber freudiano. Nesse sentido, finalizamos nossa pesquisa sabendo que há uma corrente de pensadores que, na mesma linha da posição de Heidegger, entendem que a identidade epistemológica da psicanálise freudiana se afina com a das ciências naturais

REFERÊNCIAS

- ASSOUN, P. L. **A metapsicologia**. Tradução de Margarida Cabral Fernandes. Lisboa: Climepsi editores. 2002.
- ASSOUN, P. L. **Introdução à Epistemologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- FREUD, S. Esboço de Psicanálise. in: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, volume XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- FREUD, S. O Inconsciente. In: **Obras psicológicas completas de S. Freud**. Tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Editora. Vol. II, pp.14 - 74, 2006.
- FREUD, S. **Obras completas - Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. Um estudo Autobiográfico. In: **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a.
- FREUD, S. Análise terminável e interminável. in: **Edição Standard brasileira das obras completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b. Vol. XXIII.
- FREUD, S. A pulsão (*Trieb*) e seus destinos. In: **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996c. Vol. XIV
- FREUD, S. Algumas lições elementares de psicanálise. In: **Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996d. Vol. XXIII
- FULGENCIO, L. **As especulações metapsicológicas de Freud**. *Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, São Paulo: EDUC, v. 5, n. 1, 2003.
- FULGENCIO, L. Fundamentos kantianos da psicanálise freudiana e o lugar da metapsicologia no desenvolvimento da psicanálise. São Paulo: **Revista Psicologia USP** 18(1), 2007.
- FULGENCIO, L. **O método especulativo em Freud**. São Paulo: EDUC, 2008.
- HEIDEGGER, M. **Nietzsche II**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Ed. Forense Universitária, 2007a
- HEIDEGGER, M. **A época das imagens de mundo**. Trad. Claudia Drucker, 2007b. Disponível em <<http://ghiraldelli.pro.br/wp-content/uploads/Heidegger-A-%C3%89poca-das-Imagens-de-Mundo.pdf>>

- HEIDEGGER, M. Que é metafísica? In: **Coleção Os Pensadores**. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: ed. Nova Cultural, 1999.
- HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Tradução de Gabriella Arnhold, Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo: EDUC; Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.
- HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2002
- HEIDEGGER, M. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução e notas: Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2005.
- INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Trad. Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Valério Rohden e Udo Moosburger. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.
- KANT, I. **Princípios metafísicos da Ciência da Natureza**. Tradução Arthur Mourão. Lisboa, Edições 70. 1990
- LAPLANCHE, J. E PONTALIS, J.B. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LOPARIC, Zeljko. **Além do inconsciente: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise**. In: Natureza Humana. Revista de filosofia e psicanálise. vol. 3, 2001.
- LOPARIC, Z. **As duas metafísicas de Kant** in: Kant e-prints, vol2, n 5. 2003.
- LOPARIC, Z. **O conceito de Trieb (pulsão) na psicanálise e na filosofia**. In Machado, J. (org), Filosofia e Psicanálise: um diálogo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- MEZAN, R. Que tipo de ciência é, afinal, a psicanálise? in: **Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise**. São Paulo: EDUC, vol. 9.n 2, 2007.
- MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- POPPER, K. **Conjeturas e refutações**. Tradução: Sérgio Bath. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.
- RIBEIRO, C. V. **Freud se encaixaria no rol dos operários (Handwerker) das ciências naturais? Considerações heideggerianas acerca da psicanálise freudiana - APRENDER - Vitória Da Conquista, ano VI, n. 10, 2008.**
- SILVA, M. R; PAULINO, L. R. P. **Skinner e uma crítica a Freud: apresentação e considerações**. Natureza Humana, São Paulo, v. 13, n. 2, 2011.
- ZARADER, Marlene. **Heidegger e as palavras da origem**. Tradução João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- ZIMMERMAN, Michael. **Confronto de Heidegger com a modernidade: Tecnologia, política e arte**. Tradução de João Souza Ramos. Instituto Piaget; Lisboa, 1990